

A série **Gente do MOC** é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semiárido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição vamos conhecer a história de Francisca Maria Carneiro Baptista, que há 21 anos trabalha na entidade.

“A Educação é o caminho para preparar para a vida e para a cidadania”

Nome: Francisca Maria Carneiro Baptista
Ano de Nascimento: 1938
Local: Riachão do Jacuípe
Formação: Letras Clássicas
Ano de entrada no MOC: 1990
Estado Civil: Casada



O amor à educação faz com que Francisca Maria Carneiro Baptista, aos 73 anos de idade, encontre força e entusiasmo para trabalhar pela educação do campo. Desde criança, a menina Chica é dedicada aos estudos. Nascida no município de Riachão do Jacuípe e criada na fazenda dos pais, aprendeu a ler e escrever com uma das irmãs. “Eu sou filha de pequenos agricultores, nasci na zona rural, vim de uma família que criou 19 filhos. Aprendi a ler e escrever com uma de minhas irmãs que ensinou a mim, a meus irmãos, entre outras crianças ali vizinhas porque não tinha escola, e isso me ajudou em muita coisa. A criação dentro de uma família grande estimulou o sentido de solidariedade, de ajuda e de convivência com outro, vivi com minha família, ajudando na roça, a plantar o feijão e a mandioca, e isso me despertou para a necessidade da escola do campo”, conta Chica recordando os primeiros anos de sua infância.

Após estudar o período das séries iniciais em Riachão, ela conclui em Salvador o antigo ginásio e segundo grau em um colégio interno. Devido às boas notas conquistou uma bolsa de estudos para cursar Letras Clássicas no Rio de Janeiro, fato que inicialmente lhe assustou, mas, que apontou novos caminhos para a sua vida. “Imagine, uma moça da zona rural que não quer se afastar de sua origem, mas tem que ir para Salvador estudar e depois acaba ganhando uma bolsa e vai para o Rio de Janeiro cursar uma universidade particular, num ambiente totalmente estranho e avesso ao meu modo de ser. No início, o que me sustentou foi a minha participação aqui na Bahia no movimento da Juventude Agrária Católica, o apoio deles foi fundamental para eu não desistir. Mas minha vontade era voltar”, lembra-se.

E em 1964 ela retorna para ensinar no município de Riachão do Jacuípe e percebe o quanto a prática escolar não tocava na realidade das crianças. “Eu comecei a sentir a distância da escola para a vida das crianças, não se trabalhava a contextualização, eu comecei pelo meu modo de ser e sentir. Nas leituras eu buscava sempre trazer livros ligados a realidade do Nordeste, como “Vidas Secas” e “Menino de Engenho” para ajudar os alunos a perceberem a realidade de Riachão, mas isso não acontecia no colégio como um todo, eu comecei a trabalhar sozinha”, conta.

Durante a década de 70, já casada, Chica vive sete anos em Salvador com a família. Em 1978, após aprovação em concurso, passa ensinar na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a viver na cidade. NA UEFS ela ensinou Língua Portuguesa em todos os cursos da instituição durante 30 anos de docência e trabalhou com projetos de extensão sempre voltados para a formação do professor.

A experiência de alfabetizar adultos
No ano de 1990 ela foi convidada para trabalhar como voluntária no Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos Rurais, solicitado pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais para ser desenvolvido pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC). Do trabalho com os adultos ela revela que aprendeu grandes lições. “Eu diria que eu aprendi mais do que eu ensinei trabalhando com adultos do meio rural, sedentos em saber ler e escrever, mas ricos em experiência de vida e vontade de melhorar,

muito do que eu consigo fazer hoje e levar para escola do CAT foi trazido pelos testemunhos daqueles alunos. Hoje sei que para trabalhar com este público é preciso desenvolver três temas: a auto-estima e a história de vida deles, valorização do trabalho e terceiro a organização social, se fizermos isso com certeza vamos conseguir tocá-los e os ajudar a viver com mais dignidade na sociedade”.

Nasce o Projeto CAT- O surgimento do Projeto Conhecer, Analisar e Transformar a realidade do Campo no ano de 1994 mostrou-se uma nova metodologia para se trabalhar a educação no meio rural. De acordo com pesquisa realizada no período, 60% dos adultos não sabiam ler e escrever, isso fez refletir que a solução não era investir apenas na alfabetização de adultos, mas trabalhar na infância uma educação de qualidade. Dessa necessidade surge o projeto, que sempre trabalhou na perspectiva de formação e Chica juntamente com outros professores conceberam essa proposta de educação levando em consideração as dimensões da realidade do campo.

“O CAT tem suas raízes no MOC, no programa de Alfabetização de Adultos do meio rural. Hoje desenvolvido pelo Programa de Educação do Campo, o projeto se ampliou e para mim o mais interessante é ver o resultado da ação de formação dos professores, perceber que eles estão preocupados com o crescimento dos alunos, que se sentem mais estimulados a estudar, mais interessados pela realidade local e a conjuntura nacional. Ver as crianças se desenvolvendo, ficando desinibidas, valorizando o que elas sabem, descobrindo em público o prazer de ler e contar histórias para os pais. Quando sentimos que as pessoas começam a ser cidadãs e que assumem sua vida reivindicando direitos, isso traz felicidade para a gente” conclui Chica, que já pensou em parar, mas o estímulo que recebe de professores e alunos faz com que ela permaneça. “Quando a gente vê as crianças tendo coragem de dizer eu não quero essa escola assim, tem que ser desse jeito, é lindo demais, isso estimula a gente a continuar, eu já devia ter saído mas o incentivo faz com que eu permaneça, não é um trabalho de mão única, é uma troca constante”.



Bocapiu

Contando experiências por um sertão justo



Mulheres rurais acessam ao mercado justo e solidário

Empreendimentos econômicos solidários formados por mulheres e filiados à Rede de Produtoras da Bahia lutam para garantir a comercialização e inserir os produtos da agricultura familiar nos mercados institucionais.

Outra economia acontece!

Na busca de alternativas na geração de trabalho e renda, 25 grupos de mulheres dos Territórios Bacia do Jacuípe, Portal do Sertão e Sisal, organizadas em grupos produtivos, vêm conquistando uma forma justa e solidária de trabalho.

Essas mulheres vem garantindo espaços de comercialização de venda direta dos produtos para o/a consumidor/a a um preço justo. No acesso aos mercados institucionais (PAA – Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar e PNAE – Programa Nacional da Alimentação Escolar) e Feiras Locais, Territoriais, Estaduais, Nacional e Internacional.

Desta forma, as mulheres vêm praticando o Comércio Justo e Solidário e fortalecendo:

O desenvolvimento sustentável, a justiça social e a segurança alimentar e nutricional;

Os direitos dos (das) produtores(ras) e consumidores(ras) nas relações comerciais;

A cooperação entre produtores –comerciantes- consumidores para aumentar a viabilidade, reduzindo riscos e dependências econômicas;

A autogestão dos empreendimentos e a equidade de gênero, étnica e de gerações;

A remuneração justa do trabalho;

A preservação do meio ambiente.

As mulheres estão tendo um papel importante na sociedade, sendo reconhecidas e valorizadas, desenvolvendo outra economia de forma agroecológica, justa e solidária.

Gisleide do Carmo Oliveira Carneiro – Colaborada do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Mulheres rurais acessam ao mercado justo e solidário

Produzir, comercializar e gerar renda para as suas famílias. Este é o sonho de centenas de mulheres rurais que integram os grupos de produção que fazem parte da Rede de Produtoras da Bahia (RPB). Uma articulação de 55 empreendimentos econômicos solidários formada exclusivamente por mulheres, que atuam em áreas urbanas e rurais de 18 municípios do interior do estado: Araci, Água Fria, Capim Grosso, Conceição do Coité, Feira de Santana, Ichu, Ipirá, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Santa Bárbara, Santa Luz, Sátiro Dias, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente.

Priorizando os princípios da economia solidária e a conquista da autonomia feminina, a Rede é formada por grupos de produção que trabalham nas áreas de alimentação e artesanato. Valoriza os produtos da agricultura familiar, a riqueza da culinária regional, além de pregar o respeito à natureza e o resgate da cultura e das tradições locais.

Coordenadora Geral da Rede de Produtoras da Bahia, Patrícia Nascimento acompanha há um bom tempo o trabalho dos empreendimentos e a busca pela comercialização e inserção nos mercados. Também integrante do grupo Mulheres em Movimento, situado na comunidade de São Domingos, em Jaíba,

distrito de Feira de Santana, ela conhece de perto quais são as ações, as conquistas e as dificuldades para manter em atividade, de forma participativa e solidária, um grupo de produção.

Segundo Patrícia, o trabalho da RPB tem dado certo e alcançando bons resultados, graças à organização e o poder de decisão das mulheres que a integram. Muitos grupos de produção já conseguem uma estabilidade, participando de espaços de comercialização e prestando serviços, o que garante o sustento e a geração de renda para as mulheres e suas famílias. “Os empreendimentos tem conquistado o seu espaço graças ao seu poder de articulação, e isso se reflete em representações em feiras, tanto a nível local e territorial, como a nível estadual e nacional”, afirma.

Outra importante conquista que Patrícia ressalta é a inserção dos grupos de produção no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e no Programa Nacional de Alimentação Escolar. Programas governamentais que buscam assegurar e incentivar a comercialização e o consumo de produtos oriundos da agricultura familiar.

Articulação que envolve toda a família- Dona Ágda de Andrade Oliveira, moradora do município de Retirolândia, integrante do grupo de produção Sabor Gama

e da cooperativa Coopergama, que trabalha com a produção de polpas de frutas, alimentação, sequilhos, doces, bolos e biscoitos relata a importância de conquistar espaços de comercialização como forma de contribuir para a autonomia tanto dos empreendimentos como das mulheres. “São espaços bastante proveitosos, que não só promovem a geração de renda, como a troca de conhecimentos e experiências”, disse.

O trabalho dos grupos de produção envolve tanto as mulheres produtoras, como também contam com a participação das famílias, dos maridos e dos filhos. É uma atividade onde todos estão cooperando e a sustentabilidade é adquirida principalmente através da união e da solidariedade das pessoas.

Fundado em 2002, o grupo Sabor Gama continua executando plenamente às suas atividades graças ao intenso trabalho das mulheres, à boa vontade das pessoas e as parcerias adquiridas. O grupo que funcionava inicialmente em um terreno emprestado pelo esposo de uma produtora, hoje já está instalado em uma sede própria, e funciona com equipamentos e recursos próprios. Fornece seus produtos para eventos, feiras e para a alimentação escolar.

Boa parte da renda adquirida pelas mulheres com a venda dos produtos é



destinada para aumentar e incrementar as próximas produções. Serve como um investimento, onde elas aplicam o dinheiro na compra de maior quantidade de materiais, alguns equipamentos e utensílios. Muitas mulheres também utilizam o dinheiro da venda dos produtos para complementar a renda familiar e ajudar no sustento do lar.

Para D. Ágda, a sua presença no grupo de produção é um aprendizado diário. É uma

alegria, pois foi através do trabalho desenvolvido que ela teve a oportunidade de ter contato com o movimento social, conhecer melhor sobre as relações de gênero, os direitos e as lutas das mulheres rurais. O seu sonho e o seu trabalho continuam, e o que ela deseja é produzir, comercializar, incentivar e ensinar as futuras gerações de mulheres sobre a importância da articulação e da autonomia feminina.

Participação dos empreendimentos econômicos solidários nos espaços de comercialização:

Comercializam para a Alimentação Escolar II empreendimentos econômicos solidários.

Um total de 07 municípios estão comprando produtos para Alimentação Escolar Arco Sertão e Rede de Produtoras da Bahia participando na realização da EXPO-MULHER no Boulevard Shopping em Feira de Santana

Participação semanal de 04 grupos de produção nas feiras agroecológicas de 02 municípios: Serrinha e Retirolândia.

Empreendimentos econômicos solidários acessando os mercados institucionais e fornecendo produtos alimentícios regionais.

Dos 210 beneficiários/as fornecedores/as, 189 são mulheres.

O número de beneficiários/as consumidores/as chega a aproximadamente 7.495 pessoas.

Ao todo são 07 contratos firmados com a RPB para fornecimento de alimentação para eventos oriundos de licitações públicas.

Participação de 05 empreendimentos no Programa de Aquisição de Alimentos.

Arco Sertão e Rede de Produtoras da Bahia selecionadas na chamada Talentos do Brasil Rural da Agricultura Familiar.

